

Distintos espaços públicos, semelhantes espaços abertos: uma reflexão acerca da arquitetura contemporânea

*Distinguished public spaces, similar open spaces: a reflection on the
contemporary architecture*

*Espacios públicos distinguidos, espacios abiertos similares: una reflexión sobre
la arquitectura contemporánea*

ANDRADE, Manuella Marianna Carvalho Rodrigues de

*Mestre em Arquitetura e Urbanismo, doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade
Presbiteriana Mackenzie, Professora da Universidade Federal de Alagoas,
manuella.andrade@fau.ufal.br*

ZEIN, Ruth Verde

*Doutora em Teoria História e Crítica da Arquitetura, Professora da Universidade Presbiteriana
Mackenzie, rvzein@gmail.com*

RESUMO (100 a 250 palavras)

O presente artigo resulta de um processo de reflexão e discussão acerca dos limites, diferenciações e dissensos sobre o que se pode entender por *arquitetura de espaços públicos*, que levou à transposição desta noção para a noção de *arquitetura de espaços abertos* como tema inerente ao campo da arquitetura. Adotou-se um estudo de cunho tipológico, que consiste na seleção de um elemento morfológico - espaço aberto – a ser investigado em função de suas variações e relações com o contexto urbano, propondo a uma análise comparativa de três obras contemporâneas: Praça das Artes do escritório Brasil Arquitetura (2006/2012); o Conjunto Habitacional Parque Novo Santo Amaro V, do arquiteto Hector Vigliecca (2009/2012); e o Edifício Corujas do escritório FGMF (2012/2013).

PALAVRAS-CHAVE (3 a 5): espaços públicos, espaços abertos, morfologia, arquitetura contemporânea

ABSTRACT (100 to 250 words)

This article results from a process of reflection and discussion about the limits, differences and disagreements about what can be understood by public spaces architecture, which was transposed into the notion of open space architecture as a theme inherent in the field architecture. It was adopted a typological study, which consists of selecting a morphological element - open space - to be investigated according its variations and relationships with the urban context, reaching a comparative analysis of three contemporary works: "Praça das Artes", the Brazil Architecture (2006/2012); the "Conjunto Habitacional Parque Novo Santo Amaro V", the architect Hector Vigliecca (2009/2012); and the "Edifício Corujas", the office FGMF (2012/2013).

KEY-WORDS (3 a 5): public spaces, open space, morphology, contemporary architecture

RESUMEN (100 a 250 palabras)

Este artículo es el resultado de un proceso de reflexión y discusión sobre los límites, las diferencias y los desacuerdos acerca de lo que pueden ser entendidas por la arquitectura de espacios públicos, lo que dio lugar a la aplicación de la noción de arquitectura de espacio abierto como un tema inherente al campo de la arquitectura. Adoptamos un estudio tipológico, que consiste en seleccionar un elemento morfológico - el espacio

abierto - a se investigar en función de sus variaciones y las relaciones con el contexto urbano, alcanzando un análisis comparativo de tres obras contemporáneas: "Praça das Artes" oficina Brasil Arquitetura (2006/2012); "Conjunto Habitacional Parque Novo Santo Amaro V", arquitecto Hector Vigliecca (2009/2012); e o "Edifício Corujas" oficina FGMF (2012/2013).

PALABRAS-CLAVE: espacios públicos, espacio abierto, morfología, arquitecturas contemporáneas

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de um processo de reflexão e discussão acerca dos limites, diferenciações e dissensos sobre o que se pode entender por *arquitectura de espacios públicos*. Foi iniciado durante os trabalhos levados a cabo pelo grupo de pesquisadores encarregados de selecionar as obras de arquitetura brasileiras para o Prêmio Rogelio Salmona de Arquitectura Latino Americana de 2014, promovido pela Fundación Salmona de Bogotá, Colombia. O processo de reflexão teve continuidade durante a disciplina optativa Arquitetura Brasileira e Ibero Americana, oferecida pelo programa de pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, no mesmo ano. Neste artigo, relata-se o método de trabalho assumido ao longo da segunda fase dessa pesquisa, bem como algumas das questões e problemas metodológicos e conceituais relevantes abordadas.

O percurso da investigação iniciou-se com uma consulta a rede mundial a partir do diretório 'arquitectura de espacios públicos', que apresentou uma diversidade avassaladora de imagens de arquitetura, como era de se esperar. Diante da diversidade, foi possível perceber que o que havia em comum entre as imagens não era propriamente a arquitetura, ou o que nela se poderia considerar como público (em sentido jurídico, ou em sentido informal) ou mesmo a relação com as distintas escalas da cidade. O que havia em comum entre as diversas obras arquitetônicas era a configuração de *espacios abiertos*. Entende-se por espaço aberto a matéria espacial, ou seja, as "características e propriedades do vazio, o espaço deixado livre entre os objetos, a forma desse vazio, seu modo de arranjo tanto na escala do interior dos edifícios quanto na escala dos interiores urbanos" (AGUIAR, 2006, p.75).

Esta constatação levou à proposta de transposição da noção de *arquitectura de espacios públicos* para a noção de *arquitectura de espacios abiertos* como tema apto a trazer, para o primeiro plano da reflexão, questões pautadas no campo da arquitetura. O interesse em propor uma abordagem via temas de *arquitectura* funda-se na premissa adotada de que esta "precisa ser em si antes de dar-se à necessária multidisciplinaridade" (ZEIN, 2014, p.154). Assim, inquiriu-se acerca da configuração espacial dos espaços abertos, independente de serem públicos ou privados, buscando compreender as relações que esses espaços possuem com as escalas da cidade. Adotou-se um estudo de cunho

tipológico, que consiste na seleção de um elemento morfológico - ou seja, o espaço aberto – a ser investigado em função de suas variações e relações com o contexto urbano, chegando a uma análise comparativa das obras, verificando suas semelhanças e diferenças (ARAGÃO, 2006).

Esse estudo assumiu então dois componentes propositivos. Primeiro reconhecer, a partir da configuração espacial dos espaços abertos e do caráter das obras em estudo, quatro tipos de relações distintas indexadas através dos termos: **converge, aglutina, dissipa e distrai**. Esses termos corresponderiam às relações que os espaços abertos das obras estudadas estabelecem respectivamente com a cidade, com o bairro, com a quadra e com o lote/edificação. O segundo componente decorreu da sistematização da multiplicidade e variedade de entendimentos e dimensões atribuídos, por distintas disciplinas, a palavra *espaço*. Trata-se de questão recorrente, quando da discussão sobre a arquitetura de espaços abertos. O vezo a vincular o termo 'espaço' às características e/ou propriedades resultantes de fatores não formais e abstratos, ou seja, de cunho social, político, urbanístico e jurídico, resulta quase sempre no questionamento das tradicionais categorias do *público* e do *privado*. Entretanto, considerando-se que essas dimensões não definem em si mesmas o caráter morfológico da arquitetura dos “espaços abertos”, embora deles resultem, ou sejam por eles propiciados, evitou-se assumir a priori quaisquer hipóteses ideologicamente estabelecidas. Assim sendo, essas dimensões extra-arquitetônicas serão devidamente consideradas, mas sempre na medida em que auxiliam na compreensão das qualidades morfológicas desses “espaços abertos”.

Foram então propostas duas categorias conceituais de análise. A primeira categoria conceitual considera as dimensões jurídica, urbanística e social, e foi subdividida em duas subcategorias, “Escala pública espacial” e “Escala social de apropriação espacial”. A segunda categoria conceitual está direcionada à materialidade arquitetônica, e foi subdividida nas subcategorias “Arquitetônica” e “Urbanística”. As duas categorias gerais buscam sintetizar os aspectos mais relevantes a serem compreendidos acerca dos espaços abertos, em termos formais, espaciais, relacionais e construtivos; e não se apresentam, nem devem ser compreendidas, de maneira hierárquica. Os dados obtidos em campo (as obras de arquitetura definidoras de espaços abertos) foram sistematizados e considerados de maneira reflexiva, e sugeriu a noção de serem postuladas pelo menos quatro tipos de interligações entre as categorias gerais e casos concretos. A análise e explicação dessas interações levaram a identificação de três relações entre as obras, aqui denominadas como: de atração, de

aversão e de empatia. O conjunto constituído por essa matriz de análise será mais detidamente apresentado no decorrer do artigo, e exemplificado nas tabelas que o acompanham.

A partir do conjunto de mais de cem obras levantadas e estudadas na pesquisa inicial do Prêmio Salmona, foram escolhidos alguns poucos, mas significativos, casos de estudo “de campo”. Isso permitiu aplicar as premissas da investigação em uma amostragem de casos manejável, apta a verificar a consistência e propriedade da matriz de análise. Foram escolhidas: a *Praça das Artes* do escritório Brasil Arquitetura (2006/2012); o *Conjunto Habitacional Parque Novo Santo Amaro V*, do arquiteto Hector Vigliecca (2009/2012); e o *Edifício Corujas* do escritório FGMF (2012/2013). A eleição destas obras baseou-se em três fatores: estarem localizadas na cidade de São Paulo, facilitando a visita; não terem concorrido ao Prêmio Rogelio Salmona de Arquitetura Latino Americana 2014 (que contemplava apenas obras finalizadas até 2008), mas que por suas características, poderão participar das futuras edições do Prêmio; e por terceiro fator, serem obras que possuem distintas relações com a cidade, com diferentes escalas e programas.

Sendo o objetivo da pesquisa discutir e refletir sobre a *arquitetura de espaços abertos*, e em especial, sobre a maneira como estes se relacionam com a cidade, o fato dessas três obras apresentarem distintas escalas e programas não foi considerado problemático: o foco do estudo está no *espaço aberto*, ou seja, no componente que é comum às três obras.

Ressaltamos que, ao direcionarmos a pesquisa à investigação do *espaço aberto*, nos termos propostos, acreditamos reforçar a necessidade da reflexão acerca da arquitetura a partir de fatores inerentes a sua disciplina. Neste sentido, pode-se dizer que conceber, configurar e construir espaços são atribuições da arquitetura.

2 ESPAÇO PÚBLICO, ESPAÇO ABERTO: CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A partir da ampla listagem inicial de obras brasileiras contemporâneas, finalizadas entre 2000 e 2014, levantadas pela pesquisa do Prêmio Salmona, foram propostos alguns termos hábeis que colaborassem na indexação desse conjunto de obras, a saber: ***converge, aglutina, dissipa e distrai***. Relacionam-se à maneira como os “espaços abertos” das obras de arquitetura em estudo dialogam, respectivamente, com a cidade, com o bairro, com a quadra e com o lote/edificação.

Na escala da *cidade*, o termo *converge* foi adotado para sintetizar a capacidade dos “espaços abertos” das obras de arquitetura em estudo possuem em atrair e concentrar um número significativo de pessoas, moradores ou visitantes, seja por sua dimensão icônica, seja pelas atividades

programáticas das edificações do conjunto, seja pela diversidade dos eventos que são ou podem ser promovidos nesses espaços abertos. Obras que exemplificam esse índice seriam, por exemplo: o a Praça das Artes em São Paulo, Centro Cultural de Araras (AUM Arquitetos/2004), o Cais do Sertão em Recife (Brasil Arquitetura/2012), o Cais das Artes em Vitória (Metro Arquitetos Associados com Paulo Mendes da Rocha/2008), o Centro Paula Souza em São Paulo (Pedro Taddei e Francisco Spadoni/2013), o Centro de Capacitação Dr. Zilda Arns em São Caetano do Sul (Carolina Penna Arquitetura e Urbanismo/2011) e o Instituto Burle Marx em Inhotim (vários autores/2006-2014).

Na escala do *bairro*, o termo *aglutina* foi adotado para sintetizar a capacidade dos “espaços abertos” das obras de arquitetura em estudo possuem em atender uma parcela localizada e significativa da sociedade, ou em outros termos, de atender a uma comunidade local ou de bairro, seja pelas atividades específicas que se desenvolvem nas suas edificações, seja pelo oferecimento de espaços abertos para lazer e entretenimento. O exemplo encontrado foi o Parque Novo Santo Amaro V em São Paulo. Por ter participado e ganhado o Prêmio Salmona 2014, não foi incluindo outro caso significativo, o Projeto Viver (FGMF/2005).

Na escala da *quadra*, o termo *dissipa* foi adotado para sintetizar a capacidade dos “espaços abertos” das obras de arquitetura em estudo, em facilitar a distribuição e a passagem de pessoas que utilizam o edifício, com eventual promoção do convívio temporário de seus usuários, embora de maneira discreta. Coincidentemente, ou não, foram obras na capital brasileira as que apresentaram esta noção: a Fundação Habitacional do Exército (MGS+associados/2010) e o edifício do SEBRAE (Grupo SP/2010).

Na escala do *lote/edificação*, o termo *distrai* foi adotado para sintetizar a capacidade dos “espaços abertos” das obras de arquitetura em estudo, em distrair os seus usuários específicos com a promoção de espaços abertos para o convívio, mesmo se no espaço restrito do lote. Obras como o Edifício Corujas, o edifício Módulo Alto de Pinheiros (Rocco Associados/2008) e edifício Harmonia (Triptyque/2009), todas em São Paulo, foram os exemplos encontrados.

Paralelo ao processo de levantamento, estudo e reflexão das obras, ocorria uma discussão entre pares que constantemente findava na qualificação dos exemplos a partir da condição de ser plenamente acessível a quaisquer pessoas. Essa recorrência se tornou um mote do processo reflexivo do presente trabalho, validando a transposição da noção inicial de *arquitetura de espaços públicos* para a noção mais ampla e ambígua de *arquitetura de espaços abertos*.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Neste ponto, parece relevante considerar, como o faz Adrian Forty (2000), que "space's meanings in architecture are not fixed; they change according circumstances and the task entrusted to it" (FORTY, 2000, p.03). Forty propõe uma síntese sobre o percurso teórico da utilização do termo 'espaço', tanto na teoria da arquitetura quanto na filosofia. Sucintamente, ele destaca que, no âmbito da arquitetura, o espaço tem três sentidos de entendimento: o espaço como uma área delimitada, o espaço como um contínuo entre o interior e o exterior, e o espaço como uma extensão do corpo. No presente texto consideramos o *espaço* em pelo menos dois desses sentidos: tanto como uma área delimitada quanto como um contínuo. O vazio que se configura e se caracteriza como contraparte da materialidade edificada, e a possibilidade de um contínuo entre os vazios interiores e exteriores, independente de sua escala, clarificam a maneira como a noção de espaço aberto está sendo aqui utilizada. Neste intuito, para a compreensão do espaço aberto também se considera a apropriação do espaço pelos sujeitos, que traz o subsídio para o deslocamento da noção mais tradicional de "espaço público" para a necessidade de uma reflexão contemporânea sobre a noção de "espaço aberto".

O espaço público é entendido pelas ciências políticas sob uma multiplicidade de significados; tais como: "(a) o que é acessível a qualquer pessoa (eventos ou locais públicos); (b) o que abriga instituições do Estado, mesmo não sendo acessível a qualquer um (prédios públicos); (c) o Estado enquanto cumpridor da tarefa de promover o bem comum a todos os cidadãos; (d) uma força de representação (reconhecimento público) ; e (e) uma força crítica (opinião pública)" (ALBERNAZ, 2007, p.43). Na interface mais específica com a disciplina da arquitetura, um "espaço público" seria então apenas aquele que permitiria a possibilidade de promover um espaço acessível a qualquer pessoa, indiscriminadamente, ou uma edificação que abriga uma instituição do Estado.

Já se considerando as definições de outras disciplinas, diversas e distintas dimensões do espaço público podem também ser vislumbradas. Sinteticamente, na **dimensão jurídica** um "espaço público" é equivalente a um logradouro público (vias, largos, praças, praias e parques), definição que se aproxima daquela da **dimensão urbanística**, onde um "espaço público" é definido por sua configuração espacial, ou seja, aquele que "organiza a malha urbana, que permite mobilidade para a circulação, permanência e lazer, e que coincide com a localização e distribuição de instalações de equipamentos de apoio aos serviços urbanos" (ALBERNAZ, 2007, p.43).

Urbanisticamente, espaços públicos podem corresponder a espaços abertos de apropriação coletiva na cidade. Pode-se apontar uma ambiguidade entre o sentido de "espaço público" e o de "espaço coletivo", no sentido em que um espaço público é entendido como aquele que permite uma

“assembleia”, ou, um lugar que pode ajudar a apoiar o encontro e auto-organização jurídica dos cidadãos; enquanto o espaço coletivo sugere a ideia de uma coletividade já estruturada por uma identidade. Outro ponto ambiguidade, sem sentido urbanístico, seria a relação contraditória e complexa que pode ser estabelecida entre a solidariedade e a desconfiança, resultantes da apropriação e convívio social dos espaços públicos e coletivos. Para minimizar este problema, caberia aos urbanistas, "promover espaços que funcionem com o caráter de lugar, criando e reforçando uma interação entre os indivíduos e o ambiente" (ALBERNAZ, 2007, p.48).

A análise entre as proximidades e diferenças das noções de espaço público e espaço aberto, considerando as dimensões jurídica, urbanística e social colaboraram na definição da categoria conceitual de análise e na definição das subcategorias “Escala pública espacial” e “Escala social de apropriação espacial”. A primeira escala conjuga as dimensões jurídicas e urbanísticas e a segunda escala considera a apropriação do espaço e os possíveis conflitos de convívio, no espaço, enquanto dimensão social. Para esta categoria foi a interpretação das imagens encontradas o mecanismo de análise utilizado.

No âmbito da **dimensão arquitetônica**, tomou-se de empréstimo o aporte de Manuel de Solá-Morales (2008, p.187) que transpõe o limite da compreensão do espaço público da escala urbanística para a escala arquitetônica ao afirmar:

Sin duda, la importancia del espacio público es independiente de si éste es más o menos extenso, cuantitativamente dominante o protagonista simbólico; al contrario, es el resultado de referir entre sí los espacios privados haciendo también de ellos patrimonio colectivo. Dar un carácter urbano, público, a los edificios y lugares que, sin él, serían sólo privados constituyen la función de los espacios públicos; urbanizar lo privado: es decir, convertirlo en parte de lo público.

Essa proposição do renomado urbanista catalão nos autorizou a considerar, inclui nas lides do Prêmio Salmons e no posterior desenvolvimento da pesquisa, obras de estatuto juridicamente “privado” como possíveis arquitetura de espaços públicos – ou, utilizando o termo mais amplo, mais ambíguo, mas mais apropriado, arquiteturas de espaços abertos. Ratifica, portanto, a possibilidade de considerar que obras privadas podem igualmente proporcionar espaços que apresentem, ao menos, o caráter daquilo que é considerado amplamente como público, ou seja, a possibilidade de serem acessíveis a todos, mesmo se, ou inclusive, quando esse todo se limite de fato a seus usuários diretos.

Neste mesmo sentido, Hertzberger já problematizava as oposições extremas entre os domínios do público e privado, no campo disciplinar da arquitetura, propondo, como parte do instrumental de projeto, buscar-se atingir uma diferenciação gradual e sucessiva entre ambos domínios. E sugerindo obtê-la a partir do projeto dos acesso aos espaços, da interpelação entre forma, uso e população

usuária, estruturado não apenas pela percepção *a posteriori* da arquitetura enquanto espaço utilizado e vivo, mas principalmente pela compreensão de que é possível tentar buscar projetar a "forma convidativa: a forma que possui mais afinidade com as pessoas" (1999, p.174).

Na mesma sintonia, e com um intento similar, a Fundação Rogelio Salmona também afirmou em seu termo de referência para o Prêmio Salmona de Arquitetura Latino Americana de 2014, que este se destinava a arquiteturas que buscavam proporcionar "espacio abierto, espacio colectivo, como el elemento estructurador (...) lugares significativo abiertos al público en lo que es la imperceptible línea entre lo público y lo privado, generadores de convivencia" (SALMONA, 2014, p.02). E o fazia, pautada no legado da obra do arquiteto Rogelio Salmona, que segundo a Fundação, demonstra "(...) interés en la comprensión, creación, mejoramiento y defensa de una arquitectura con espacios comunes o espacios colectivos abiertos en la ciudad" (SALMONA, 2014, p 02).

O estudo de cunho tipológico é a base da análise da segunda categoria conceitual, considerando a dimensão arquitetônica das obras estudadas a partir do elemento morfológico 'espaço aberto'. Tomando de empréstimo o aporte de Panerai (2006), considerou-se como ponto de partida as plantas e fachadas dos edifícios enquanto elementos inseridos e relacionados com o tecido urbano, seja, no lote, na quadra e no entorno próximo e mais amplo. A processo de indexação das obras através do termos propostos, **converge, aglutina, dissipa e distrai** compreendeu um primeiro ato de análise, ao diferenciar as escalas atendidas, desde a amplitude do urbano até as limitações do lote. Em quaisquer casos, os critérios estabelecidos para a análise tiveram como princípio direcionador apresentarem certa capacidade de integração. Para isso consideraram-se as relações entre : edificação (tipologia) e a configuração urbana (morfologia); entre a composição dos elementos arquitetônicos e o entorno imediato; entre as aberturas e vistas proporcionadas pela edificação e a configuração espaço-visual do entorno; entre o corpo edificado e vazio edificado, e por fim, mas não menos importante, entre os espaços abertos a sua apropriação pelos sujeitos que os usufruem. Para esta categoria o desenho foi utilizado como mecanismo de análise e interpretação.

3 ANALISE DAS OBRAS

No domínio conceitual de outras disciplinas, a Praça da Artes (escala da cidade), situa-se na categoria público por ser acessível a qualquer pessoa (eventos ou locais públicos) e por abrigar no seu conjunto edificado, que não é acessível a qualquer um, atividades de responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura. Já o Novo Parque Santo Amaro V (escala do bairro) apresenta na sua configuração

espacial as duas categorias: é público por estar inserido em um parque urbano acessível a qualquer pessoa e é privado no âmbito da moradia. O Edifício Corujas (escala lote/edifício) se enquadra na categoria privado por abrigar uma instituição privada com acesso mediante permissão.

A sistematização da análise resultou em duas tabelas (Tabela 01 e 02) que apresentam as interpretações das obras a partir das categorias anteriormente expostas. É possível visualizar que, quando se trata da primeira categoria conceitual, apreendemos uma maior particularidade entre as obras a partir da predominância gráfica das colunas. Na segunda categoria conceitual, inerente a disciplina arquitetura, é a configuração linear de uma única frase interligando as colunas que aproxima arquitetonicamente as obras.

Tabela 1: Resultado da análise - Categoria Conceitual



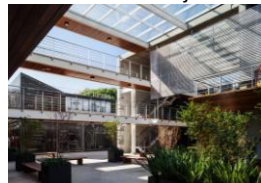



		Praça das Artes	Novo Parque Santo Amaro V	Edifício Corujas
				
CATEGORIA CONCEITUAL - JURÍDICO/URBANÍSTICO /SOCIAL	ESCALA PÚBLICA ESPACIAL	Pela transferência das características espaciais dos espaços públicos (vias, largos, praças e parques)		
		Tentativa de transposição dos limites entre logradouro e espaço público edificado	Transposição dos limites do logradouro e espaço público incorporado ao espaço privado edificado	Junção/mutação da configuração espacial de caráter público e do privado
		Proposição de espaços abertos		
		Espaço aberto público	Espaço aberto público e coletivo	Espaço aberto privado comum
		Pela distinção entre público e privado		
	ESCALA SOCIAL DE APROPRIAÇÃO ESPACIAL	Pela dualidade (espaço aberto público e edifício público restrito)		Pela duplicidade (espaço aberto comum e edifício privado restrito e aberto)
		Pela integralidade (espaço aberto comum e as práticas e convivências sociais da comunidade)		
		Pela apropriação estruturada por uma identidade coletiva, seja, pública ou privada		
		Pela convergência	Pela aglutinação	Pela introjeção
		Diluição da tensão entre convivência urbana e desconfiança social	Diluição da tensão entre convivência urbana e qualidade habitacional	Diluição da tensão entre distinção necessária entre público e privado

Tabela 2: Resultado da análise - Categoria Material

Praça das Artes	Novo Parque Santo Amaro V	Edifício Corujas
		



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

CATEGORIA CONCEITUAL - ARQUITETURA / URBANISMO	URBANISMO	Pela transformação da relação quadra-lote	
		Pela "costura na morfologia urbana"	
		Pela interação entre escala, materialidade e estética arquitetônica com o entorno imediato que cada obra possui	
		Pelas visuais proporcionadas por suas aberturas diretamente relacionada as atividades inerentes e ao entorno circundante	
	ARQUITETURA	Pela variação do tipo (estudo tipológico)	
		Pelo vazio enquanto espaço projetado	
			Transformação no espaço privado
		Pelos elementos definidores da espacialidade: volumes, passarelas, espaços abertos	
		Pela clareza dos limites usados (público/privado), (semi-público/privado)	
		Pela delimitação interno / externo	Pela diluição interno / externo
		Pela promoção do convívio no espaço proposto (mobiliário urbano, equipamentos, espaços aberto, sombra etc)	
		Pela possibilidade de atividades internas ocorrerem no espaço externo aberto	Pela possibilidade de atividades internas ocorrerem no espaço externo aberto



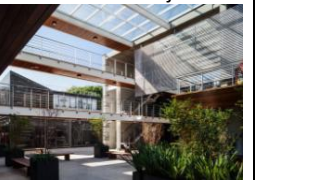
A partir das duas tabelas, quatro tipos de interligações entre as categorias gerais e as obras produziram uma terceira tabela (Tabela 03). As três primeiras interligações pertencem a discussão arquitetônica e a quarta interligação é conduzida pelo fator social de apropriação e uso dos espaços abertos. A intenção é demonstrar como cada obra se relaciona com as quatro interligações sugeridas, que são:

1. Transferência das características espaciais dos espaços públicos (ruas, largos, praças e parques) a partir da proposição de espaços abertos mediante a transformação da relação quadra-lote e/ou da "costura na morfologia urbana";
2. Transferência das características espaciais dos espaços públicos (ruas, largos, praças e parques) a partir da proposição de espaços abertos possibilitando uma variação do tipo apreendido pelo vazio enquanto espaço projetado;
3. Transferência das características espaciais dos espaços públicos (ruas, largos, praças e parques) a partir da proposição de espaços abertos distinguindo e limitando o uso público do privado a partir dos elementos definidores da espacialidade arquitetônica (volumes, passarelas e espaços abertos) , os quais apresentam uma interação com o entorno imediato através da escala, materialidade e estética;
4. Distinção entre o público e o privado mediante uma apropriação estruturada por uma identidade coletiva a partir da promoção do convívio intermediado pelo espaço proposto;

A **primeira interligação** é encontrada na Praça das Artes e no Parque Novo Santo Amaro V. As duas obras propõem espaços abertos mediante a transformação da relação quadra-lote. A primeira busca

um transposição dos limites entre logradouro e espaço edificado a partir da mudança na configuração da quadra unida à maneira como os blocos foram implantados, propondo um espaço aberto enquanto passagem. A segunda incorpora o espaço privado edificado da habitação social ao espaço aberto que transformou a relação quadra-lote a partir, não apenas da transposição do limite do logradouro, mas também da "costura na morfologia urbana" a partir de duas passarelas transversais e das aberturas existentes entre os blocos de apartamento que se conectam a morfologia do entorno.

Tabela 3: Principais interligações entre os resultados encontrados

CATEGORIA CONCEITUAL - JURÍDICO/URBANÍSTICO /SOCIAL		ESCALA PÚBLICA ESPACIAL		
		ESCALA SOCIAL DE APROPRIAÇÃO		
		  		
		Pela transferência das características espaciais dos espaços públicos (vias, largos, praças e parques)		
		Tentativa de transposição dos limites entre logradouro e espaço público edificado	Transposição dos limites do logradouro e espaço público incorporado ao espaço privado edificado	Junção/mutação da configuração espacial de caráter público e do privado
		Proposição de espaços abertos		
		Espaço aberto público	Espaço aberto público e coletivo	Espaço aberto privado comum
		Pela distinção entre público e privado		
		Pela dualidade (espaço aberto público e edifício público restrito)		Pela duplicidade (espaço aberto comum e edifício privado restrito e aberto)
			Pela Integralidade (espaço aberto comum e as práticas e convivências sociais da comunidade)	
		Pela apropriação estruturada por uma identidade coletiva, seja, pública ou privada		
		Pela convergência	Pela aglutinação	Pela introjeção
		Diluição da tensão entre convivência urbana e desconfiança social	Diluição da tensão entre convivência urbana e qualidade habitacional	Diluição da tensão entre distinção necessária entre público e privado
CATEGORIA CONCEITUAL		Pela transformação da relação quadra-lote		
		Pela "costura na morfologia urbana"		
		Pela interação entre escala, materialidade e estética arquitetônica com o entorno imediato que cada obra possui		
		Pelas visuais proporcionadas por suas aberturas diretamente relacionada as atividades inerentes e ao entorno circundante		
		Pela variação do tipo (estudo tipológico)		
		Pelo vazio enquanto espaço projetado		
ARQUITETURA				Transformação no espaço privado
		Pelos elementos definidores da espacialidade: volumes, passarelas, espaços abertos		
		Pela clareza dos limites usados (público/privado), (semi-público/privado)		
		Pela delimitação interno / externo		Pela diluição interno /



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

			externo
	Pela promoção do convívio no espaço (mobiliário urbano, equipamentos, espaços aberto, sombra)		
	Pela possibilidade de atividades internas ocorrerem no espaço externo aberto		Pela possibilidade de atividades internas ocorrerem no espaço externo aberto

Ambas as obras proporcionam uma nova espacialidade urbana que pode ser associada ao projeto moderno que visava "transformar as relações entre lote e quadra tradicional (...) alheia a divisão do espaço a partir de elementos morfológicos tradicionais, (...) proporcionando áreas comuns de convívio e uma diluição entre os espaços públicos e privados (...) criando áreas livres no interior das quadras e libertando os edifícios da forma dos lotes" (COTRIM; TINEM, 2014, p.134).

O Edifício Corujas não realiza nenhuma mudança na morfologia urbana do entorno em que está inserido. A particularidade do espaço aberto introjetado no limite do lote, por oposição, pode ser visto como uma pequena "fissura" na quadra, mas não a ponto de reconfigurar sua relação urbana.

A **segunda interligação**, existente nas três obras, consiste na possibilidade de uma variação do tipo apreendido pelo vazio enquanto espaço projetado. Essa interligação surgiu como uma hipótese que considerou a possibilidade de existência de uma relação tipológica entre as obras. No processo reflexivo, utilizou-se dois autores distintos, Argan (2001) e Panerai (2006), para fomentar a discussão, não existindo a intenção de fazer desta hipótese verdadeira. Assim, para Argan (2001, p.66-67),

o tipo se configura como um esquema deduzido através de um processo de redução de um conjunto de variantes formais a uma forma-base comum. Se o tipo é resultado desse processo regressivo, **a forma-base que se encontra não pode ser entendida como mera moldura estrutural**, mas como **estrutura interna da forma** ou como **princípio que implica em si a possibilidade de infinitas variantes formais** e, até, de ulterior modificação estrutural do tipo mesmo (*grifo nosso*).

Isto posto, relação tipológica que interliga as obras consiste no vazio enquanto espaço projetado. A forma-base que configura o tipo é, para as obras em questão, o princípio estruturador, ou seja, os espaços abertos delimitados pela composição arquitetônica. Se reduzir todo o conjunto de variáveis que diferenciam as obras como: o uso, a tectônica, a localização, o contexto etc., assim como as variantes formais, resta a forma-base comum: o espaço aberto fruto do vazio enquanto espaço projetado. Para Argan é da dedução da forma-base a partir de um conjunto edificado que se identifica o tipo.

Panerai (2006), por sua vez, não desconsidera o lote, a quadra, o entorno no estudo da tipologia. Nesse sentido, apenas a Praça das Artes e o Parque Novo Santo Amaro V poderiam se aproximar tipologicamente por projetarem o espaço aberto enquanto elemento espacial integrador da obra

com o entorno a partir de uma mudança na configuração do lote, da quadra e do próprio entorno imediato. Fator este que deixaria de fora o Edifício Corujas. Independente da posição teórica, o que de fato se apresenta na configuração das três obras é o vazio enquanto espaço projetado. Esta constatação independe da discussão tipológica.

A **terceira interligação** destaca a apreensão do espaço aberto a partir dos elementos de composição definidores da espacialidade arquitetônica e sua interação com o entorno imediato. A configuração morfológica do espaço aberto na Praça das Artes fez deste um espaço público de passagem, onde a dualidade entre público (espaço aberto) e público restrito (acesso a edificação) se conforma pela volumetria dos blocos definidora da espacialidade e se consolida pela existência de uma única porta no bloco administrativo que dá acesso ao bloco de salas. Ao observar a maneira como os volumes compõem a obra, percebe-se que há uma subordinação à realidade edificada no entorno, ou seja, os volumes se posicionam no mesmo paralelismo inerente a configuração dos lotes existentes. No entanto, o bloco de salas que cobre a praça e as passarelas que interligam os blocos contrapõem essa subordinação. A materialidade do concreto aparente moldado in loco, a distinção das cores, a dinâmico do jogo de esquadrias e as alturas dos volumes interagem por contraste como a escala e a estética urbana do entorno imediato.

No Parque Novo Santo Amaro V, o espaço aberto se apresenta como público e coletivo. O programa habitacional e a localização são duas fortes variáveis que interferiram na configuração espacial que busca uma integralidade entre espaço aberto comum e as práticas e convivências sociais da comunidade circunvizinha. A clareza do limite entre o espaço público coletivo e o espaço privado da moradia é percebido não apenas pelos volumes edificados quanto pela destinação do térreo para serviços e comércios; pela preocupação em integrar o caráter das atividades internas a residência com o lazer externo do parque (ex. área de serviço residencial paralela ao campo de futebol) e pelo portão limitador do acesso as residências. O conjunto edificado destaca-se do entorno pelo contraste da matéria construída (cobogós e alvenaria com reboco pintado), mas integra-se com o mesmo pela escala urbana.

Por fim, o espaço aberto do Edifício Corujas é um exemplar privado de uso comum que proporciona na sua espacialidade uma duplicidade entre espaço aberto comum e espaço edificado privado composto por ambientes internos (fechados/translúcidos) e externos (abertos). Sendo possível que ambos sejam visualizados por todos, propiciando uma integração que transforma a própria noção de ambiente de trabalho como também se associa com a paisagem circundante. Os limites que definem

os espaços de cada escritório se diluem no conjunto por serem translúcidos (vidro) ou por comporem o arranjo do paisagismo. Esta relação integradora entre interno/externo sugere que as atividades internas possam ser desenvolvidas nos espaços externos abertos, reforçando uma proposta de mudança no padrão escritórios comerciais. São os elementos arquitetônicos (volumes, passarelas e espaços abertos) que configuram a obra e a aproxima da noção sugerida por Solá-Morales de transposição do caráter urbano e público para os espaços privados.

A **quarta interligação** é percebida mediante a apropriação estruturada do espaço público ou privado por uma identidade coletiva inerente a especificidade de uso de cada obra a partir da promoção do convívio intermediado pelo espaço proposto. Esta interligação ratifica os termos propostos no início do processo reflexivo, demonstrando que a noção de convergência na escala da cidade, característico da Praça das Artes dar-se a partir do espaço aberto que recebe uma representatividade social amplificada pela transitoriedade dos turistas. O reconhecimento público da obra na escala da cidade dilui a tensão entre convivência urbana e desconfiança social ao considerar a apropriação por varias camadas sociais, distintas e diversificadas, num mesmo espaço aberto. Assim como a noção de aglutinação inerente ao Parque Novo Santo Amaro V dilui a tensão entre convivência urbana e qualidade habitacional, a noção de distração do Edifício Corujas dilui a tensão entre a necessária distinção 'público x privado' ao promover uma integração espacial e visual entre espaço privado e espaço privado de uso comum. Certamente, esta quarta interligação se reforça com a promoção do convívio no espaço aberto pela existência de mobiliário urbano, equipamento, sombra, etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As quatro interações sugerem que as obras se *atraem* quando se observa a transferência das noções do domínio jurídico, urbanístico e social, mas ao mesmo tempo se *repulsam* quando as noções de público e privado são interpretadas no espaço aberto, introduzindo inclusive outras noções como coletivo e comum. O destaque está na *empatia* que existe entre as obras quando são observadas no domínio da arquitetura. Ao se reconhecer como princípio direcionador da análise o espaço e a espacialidade enquanto valores essenciais para configuração arquitetônica e urbanística. As obras se aproximam pelo vazio enquanto espaço projetado, pela interação que os elementos definidores da espacialidade estabelecem com o entorno e pela clareza nos limites de uso e pelo convívio proposto.

Admitir a possibilidade de comparar os distintos, seja pela noção de espaço público ou pela noção de programa arquitetônico, a partir do semelhante, isto é, a partir da noção de espaço aberto, foi



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

primordial para conduzir a reflexão e ampliar as possibilidades de compreensões sobre a arquitetura. O processo reflexivo demonstrou que, independente da escala com a qual a obra arquitetônica interage com a cidade, há sempre uma preocupação acerca da qualidade do espaço (enquanto vazio) e da espacialidade (enquanto espaço vazio percorrido pelos sujeitos). A arquitetura contemporânea, no que incide às obras analisadas, não está desvinculada do entendimento de cidade. Seus espaços abertos são, nas três obras, maneiras mais ou menos diretas de interagir com a cidade. Seja público, privado, coletivo ou comum, o espaço aberto é um elemento de composição tanto tipológico quanto morfológico, que pode integrar arquitetura e urbanismo.

5 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Douglas Vieira de. Espaço, corpo e movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade da arquitetura. In: *Arqtexto* 8 UFRGS, 2006, p.74-95.
- ALBERNAZ, Paula. Reflexões sobre o espaço público atual. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck; MELEQUE, Maria Roseira. *Espaço e cidade: conceitos e leituras*. 2.ed, Rio de Janeiro: 7letras, 2007.
- ARAGÃO, Solange. O estudo dos tipos-interfaces entre tipologia e morfologia urbana e contribuições para o entendimento da paisagem. In: *Geosul*, Florianópolis, v. 21, n. 42, p 29-43, jul./dez. 2006
- ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e destino*. São Paulo: Ed. Ática, 2001.
- COTRIM, Márcio; TINEM, Nelci. O redesenho da cidade por meio do edifício. In: SILVEIRA, José Augusto Ribeiro da; COTRIM, Márcio. *Lugares e suas interfaces intraurbanas: a cidade por meio de suas diferentes escalas*. João Pessoa: F&A Editora, 2014.
- FORTY, Adrian. *Words and buildings: a vocabulary of Modern Architecture*. Thames&Hudson, 2000.
- GREAFF, Edgar Albuquerque. *Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- PANERAI, Philip. *Análise urbana*. Brasília: Ed. UNB, 2006.
- SALMONA, FUNDAÇÃO ROGELIO. *Termo de referência - primer ciclo*. Bogotá, 2014.
- HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORALES-SOLÁ, Manuel de. *De cosas urbanas*. Barcelona: GG, 2008.
- ZEIN, Ruth Verde. Arquitetura que fazem cidade. In: *SUMMA+*. n.133, p.154-155,